

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA

**Humanos, Cavalos e Seus Dispositivos de Relação:** experiência  
etnográfica sobre a doma

Porto Alegre

2021

**JULIA JARDIM BAUER SANTOS**

**Humanos, Cavalos e Seus Dispositivos de Relação:** experiência  
etnográfica sobre a doma

Trabalho de Conclusão de Curso de Ciências Sociais apresentado ao Departamento de Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para a obtenção do grau de Bacharel em Ciências Sociais.

Orientador: Prof Dr Jean Segata

**JULIA JARDIM BAUER SANTOS**

**Humanos, Cavalos e Seus Dispositivos de Relação:** experiência  
etnográfica sobre a doma

Trabalho de Conclusão de Curso julgado e aprovado em \_\_/\_\_/\_\_.

**Banca Examinadora:**

---

Prof Dr Jean Segata - Orientador  
Departamento de Antropologia - UFRGS

---

Me Elisa Oberst Vargas - Examinadora  
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - UFRGS

---

Me Sarah Faria Moreno - Examinadora  
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - UFRGS

## **Agradecimentos**

Agradeço a minha mãe Ana que sempre me deu todo o seu amor, e enfrentou seus medos para que eu pudesse ter aulas de equitação desde a infância. Sou grata por todos os finais de semana nos quais cruzou a cidade e abdicou de seu tempo para me levar para ver cavalos.

Agradeço ao meu pai Victor que me apoiou ao longo dos anos, me acompanhando sempre nas competições, torcendo e vibrando com cada resultado. Seu jeito calmo sempre me deu confiança de seguir em frente mesmo que desse medo.

Sou muito grata ao Marcelo, meu marido, por todo o suporte que me deu nessa caminhada, de todas as formas imagináveis. Incentivando a seguir meus sonhos com cavalos, acreditando em mim mesmo quando não acreditei, cuidando do cotidiano da vida doméstica para que eu tivesse sanidade para escrever.

Agradeço à amiga Suzana, que dividiu comigo o seu conhecimento e sabedoria sobre cavalos. Abrindo as portas da sua casa, o Haras Paraíso RS, me deixando aprender, aprender a ensinar e ensinar seus cavalos. Sua ajuda com dicas e sugestões para este trabalho foram muito valiosas e certamente me pouparam muita dor de cabeça. Agradeço também ao amigo Rafael, que gravou as imagens aéreas.

Agradeço ao meu avô Getulio, que me deu gosto pelo campo e a natureza. Queria que estivesse aqui para me ver formada e poder ter orgulho de mim, sou grata pelo seu legado e amor.

Agradeço ao meu orientador Jean que com sua calma e áudios extensos e valiosos tornaram mais fácil a elaboração deste último trabalho de graduação.

Agradeço aos professores da UFRGS, aos meus instrutores de equitação e aos cavalos, em especial à badalada que me desafiou a aprender mais.

Por fim, agradeço a todos os incontáveis sujeitos humanos e não humanos que compõem minha rede de apoio emocional. Sem os quais certamente este

trabalho seria um empreendimento muito mais árduo. Em especial ao Gabo, que incentivou e ouviu várias vezes eu falar sobre o tema, sempre incentivando a seguir em frente.

## **Resumo**

As relações entre animais humanos e não-humanos é um campo de análise emergente, importante por sua relevância acadêmica e social. Entender-se os animais como sujeitos, e não como coisas, é um movimento condizente ao movimento de ruptura da dualidade cultura e natureza, humano e animal. Este trabalho teve por objetivo descrever e analisar a disciplina e seus dispositivos na relação entre seres humanos e cavalos, em especial no processo de iniciação, conhecido como doma. Para tal, as análises se apoiaram na história de vida da autora (etnografia) de uma vivência rica de convívio com estes animais, bem como em referências bibliográficas diversas e, em especial, na obra de Michel Foucault no que toca à questão do sujeito e da disciplina. Observou-se então aproximações entre mecanismos disciplinares descritos pelo filósofo francês, a exemplo do panóptico, com aqueles da relação humano-cavalo. Entender nossa relação com os cavalos é entender mais sobre nós mesmos.

**Palavras Chave:** Doma, Disciplina, Sujeito, Cavalo, Relação Interespecífica

## **Abstract**

The relationship between human and non-human animals is an emerging field of analysis, important for its academic and social relevance. To understand animals as subjects, and not as things, is a movement consistent with the movement of rupture of the duality between culture and nature, human and animal. This work aimed to describe and analyze the discipline and its devices in the relationship between humans and horses, especially in the initiation process, known as tame. For this purpose, the analyzes were based on the author's life history (ethnography) of a rich experience of living with these animals, as well as on different bibliographic references and, in particular, on the work of Michel Foucault with regard to the issue of the subject and of the discipline. It was then observed approximations between disciplinary mechanisms described by the French philosopher, like the panopticon, with those of the human-horse relationship. To understand our relationship with horses is to understand more about ourselves.

**Keywords:** Tame, Discipline, Subject, Horse, Interspecific Relationship

## **Sumário**

Agradecimentos	3
Resumo	5
Lista de Figuras	8
Introdução	9
<b>Capítulo I Trajetórias Entrelaçadas: Um Olhar Investigativo</b>	<b>12</b>
<b>Capítulo II: Conceitos basilares sobre sujeitos humanos e não-humanos</b>	<b>21</b>
Noção de Pessoa e Concepção de Sujeito	21
Domesticação e a Dicotomia Cultura/Natureza	23
Foucault, Disciplina e Seus Dispositivos	24
<b>Capítulo III: O universo do cavalo e as infraestruturas da relação</b>	<b>26</b>
Etologia Equina, Doma e Horsemanship	26
Sobre os espaços dos cavalos domesticados	29
Sobre os materiais de manejo montaria e doma do cavalo de sela	33
<b>Capítulo IV: Cavalo, Dispositivos Disciplinares e a Doma</b>	<b>34</b>
Considerações finais	43



## Lista de Figuras

Figura 1	- "Competição da Liga das Escolas Hípicas do Rio Grande do Sul, Julia e Surenho"	p15
Figura 2	- "Queda após salto de obstáculo, Julia e Jumbo"	p15
Figura 3	- "Após premiação, Julia e a mãe, Ana"	p16
Figura 4	- "Foto no penúltimo obstáculo do percurso em competição, Julia e Pilsen"	p16
Figura 5	- "Campeonato Brasileiro de Escolas 2016, Julia e Sayd "	p17
Figura 6	- "Obstáculo 9A do percurso na Hípica Santa Tereza, Julia e Pilsen"	p17
Figura 7	- "Julia e Badalada no Haras Paraíso RS, antes de iniciar os treinos montados"	p19
Figura 8	- "Julia e Badalada após alguns meses em Porto Alegre"	p19
Figura 9	- "Julia, Panetone, Brownie e Zeus em treinamento"	p20
Figura 10	- "Panetone e Morgana no Parque Farroupilha"	p20
Figura 11	- "Éguas soltas em pastagem no Haras Paraíso RS"	p27
Figura 12	- "Instalações do Haras Paraíso RS em vista aérea"	p30
Figura 13	- "Redondel em vista aérea"	p32
Figura 14	- "Montagem com dispositivos da relação cavalo e ser humano"	p33
Figura 15	- "Planta-baixa de estábulo"	p37
Figura 16	- "Interior da cocheira no Haras Paraíso RS"	p37
Figura 17	- "Panóptico"	p38
Figura 18	- "Redondel"	p38
Figura 19	- "Éguas nos comedouros"	p41

## Introdução

As Ciências Humanas reconhecem hoje a importância em estudar as relações entre seres humanos e animais não humanos; dentre estas áreas as que mais se comprometeram com o tema, em princípio, foram a filosofia, a sociologia, a história social e a geografia cultural, mais recentemente, a antropologia passou a também pensar esta temática. Sua relevância se dá para as áreas humanísticas, pois, as relações interespecíficas têm um caráter fundamental no cerne do próprio entendimento do que é, de fato, “ser humano” (HURN, 2012).

No Brasil, a discussão da relação humano-animal ganhou força nas últimas décadas. A temática tem sido tratada na antropologia a partir de duas frentes: uma política e outra epistemológica. A primeira, está ligada a ativismos e movimentos sociais que atentam para direitos e moralidades dos animais. Por sua vez, a frente epistemológica questiona e reposiciona qualidades e distinções entre animais humanos e não-humanos. Com efeito, o que se celebra é o surgimento de um animal sujeito, condizente a uma antropologia pós-colonial (SEGATA et al., 2018).

Considerando-se então o movimento relativamente recente de uma antropologia pós-humanista, o objetivo deste trabalho se faz possível: descrever e analisar a disciplina e seus dispositivos na relação entre seres humanos e cavalos. A fim de atingir o objetivo principal foram delimitados objetivos específicos que são a base e linha condutora deste texto e tratados em capítulos.

- Apresentar a trajetória da autora com cavalos
- Apresentar conceitos basilares como sujeito e disciplina
- Apresentar o universo do cavalo: etologia, equipamentos, técnicas, etc
- Analisar a disciplina na relação humano-cavalo

A abordagem metodológica utilizada é de ordem qualitativa, sendo seu procedimento metodológico predominante a narrativa da História de Vida. O método de História de Vida se mostra adequado ao objetivo proposto no sentido de apresentar uma ponte entre a trajetória individual e as relações humano-cavalo de forma geral. Desta forma, é apresentado em evidência o vínculo entre a pesquisadora e a própria temática, uma vez que teve a vida marcada por uma rica trajetória com cavalos.

A relevância deste trabalho se dá tanto pelo âmbito pessoal quanto no âmbito acadêmico. Na esfera particular, se justifica por minha trajetória desde a infância, que perpassa pela relação com cavalos que são objeto de fascínio. Estudar estes animais, e em especial sua relação com os humanos, vem se mostrando estimulante e desafiador.

Como foi visto nos primeiros parágrafos desta introdução, este trabalho se situa em um campo cada vez mais relevante, em plena expansão. Desta forma, frente a academia se justifica sua relevância enquanto criação de saber em contribuição a este movimento, por uma perspectiva condizente ao novo paradigma pós-colonial. Para além disso, é relevante apontar a questão política, da consolidação dos animais, e em especial dos cavalos, enquanto sujeitos.

A fim de uma melhor organização, o presente trabalho é dividido em quatro capítulos e em um último trecho de Considerações Finais. Os três primeiros capítulos são destinados à pavimentação de uma base ao entendimento das análises apresentadas no último trecho.

No primeiro capítulo “Trajetórias Entrelaçadas: Um Olhar Investigativo” é apresentada de forma panorâmica minha trajetória com cavalos, desde a infância até a fase adulta. Falo acerca das minhas vivências, não apenas pela perspectiva material de ordenação de acontecimentos, mas de uma perspectiva psicológica com conflitos e ambiguidades. Tal narrativa se faz importante pois mostra como foi meu contato com cavalos e a base com qual realizo certas leituras, sem esconder a parte humana da vivência e do processo de pesquisa.

O segundo capítulo “Conceitos basilares sobre sujeitos humanos e não-humanos” aborda os principais conceitos teóricos pertinentes à análise, tais como sujeito, disciplina, poder e domesticação. Este trecho, é essencial para o correto entendimento das análises, uma vez que delimita determinados conceitos pelo viés de uma teoria específica. Seu cerne é a obra de Foucault e sua visão de sujeito e poder; de forma periférica, visita-se outros autores que enriquecem a abordagem.

Em sequência, no terceiro capítulo, “ O universo do cavalo e as infraestruturas da relação” são apresentadas de forma introdutória as bases para o entendimento

destes animais e seu convívio com humanos. No trecho, são abordadas questões acerca da etologia equina, as estruturas materiais que são destinadas aos cavalos, os materiais próprios para montaria, equipamentos de doma, etc. Em suma, o que se propôs foi dar condições de entendimento ao leitor, perpassando termos próprios do meio equestre.

O quarto e último capítulo “Cavalo, Dispositivos Disciplinares e a Doma” então se apoia nos três anteriores. O que se fez foi analisar, por uma perspectiva foucaultiana, o processo de doma propriamente dito, por suas técnicas e artefatos. São traçados paralelos entre o sistemas disciplinares humanos e aqueles aplicados aos animais, em específico aos cavalos em processo de doma.

## Capítulo I Trajetórias Entrelaçadas: Um Olhar Investigativo

Neste capítulo exponho minha trajetória e convivência com cavalos, remontando brevemente os primórdios da minha infância, perpassando pelo tempo até a vida adulta. Desta forma, meus conhecimentos tomam um lugar, não só teórico, mas empírico, do que, com alguma cautela, eu chamaria de campo. Certamente meu olhar não foi desde o princípio um olhar antropológico, esquematizado e estruturado pelas lentes das teorias, o olhar viciado tendia a naturalizar e não a questionar. Contudo, as vivências ficaram, possibilitando um repertório de experiências para o qual hoje eu possa dirigir minha atenção de uma forma diferente, fazendo leituras mais complexas de situações que presenciei.

Há mais de dez anos tenho contato com estes animais e venho buscando, cada vez mais, entendê-los bem como sua interação com os seres humanos. Pratico hipismo desde a infância e nos últimos anos acompanhei a iniciação de mais de uma dezena de cavalos. É acertado dizer então que hoje o meu repertório sobre estes animais é amplo, compondo um rico contexto de experiência na área, não composto tão somente do que vivenciei, mas também de relatos de pessoas que transitam no meio, bem como incontáveis leituras feitas ao longo dos anos. Meu desafio será justamente analisar este aglomerado amorfo de informações pela perspectiva aqui proposta, de forma a unir prática e teoria.

Desde que me lembro, sinto este magnetismo quase mágico a tudo que se refere a estas criaturas. Datar com exatidão o surgimento deste fascínio seria impossível, mas é acertado que foi nos primórdios da infância. A primeira música de ninar que recordo é sobre um carrossel. O primeiro brinquedo de pelúcia que escolhi era um pegasus branco com lindas asas douradas. Ainda nos anos de alfabetização participei de um concurso de poesia no qual deveríamos descrever uma emoção ou situação abstrata com uma frase. Escrevi que **“a liberdade é quando o cavalo selvagem e imprevisível que mora dentro de nós se solta”**. Talvez seja verdade. Pois é como me sinto quando estou com cavalos. Livre. Quase como se pudesse voar.

Muito cedo descobri que quando se mora em uma cidade como Porto Alegre, cavalo é algo caro, ou melhor, caro demais para uma criança de classe média que os pais batalhavam todo fim do mês para não sobrar mês no salário.

Muito logo descobri que ter aulas de equitação não seria tão simples. Se por um lado, minha mãe tinha muito medo e ficava imaginando todas as tragédias que poderiam acontecer caso eu subisse nas costas de um cavalo, por outro, aulas de equitação semanais custavam, na época, meio salário mínimo mensal. Um valor elevado para meus pais pagarem. Além disso, havia a distância. 30 minutos de carro ou mais. Parecia que tudo me afastava da tão sonhada convivência com cavalos.

Depois de muito insistir, consegui aos 11 anos de idade, a possibilidade de fazer aulas de equitação. Euforia! Minhas semanas se passavam num eterno esperar pelo sábado que era quando revia meus amigos cavalos. “Gateada”, “Preta”, “Paloma”, “Talibã” e muitos outros que, por imperfeição da memória, não recordo os nomes foram meus professores (equinos) nos primeiros anos neste mundo dos cavalos. Eram quase babás, tendo paciência com minhas limitações, puxadas desnecessárias nas rédeas e desequilíbrios. Eles sabiam o que fazer, mais do que as crianças que sentavam em seus dorsos. Andavam em fila, um atrás do outro, rentes à cerca da grande pista de areia possibilitando que desenvolvêssemos equilíbrio.

Pelo que me recordo, este lugar era grande e tinha uns bons hectares. Possuía rio, mata, trilha, barrancos, uma sede de material, cocheiras de madeira organizadas em dois pavilhões. Redondel e duas pistas. A maioria dos cavalos eram destinados a passeios ou lazer ocasional, sendo alugados e usados em aulas. Embora o lugar fosse grande, não havia muito espaço de liberdade e os cavalos ficavam confinados no monótono cubículo da cocheira, saindo no máximo uma hora por dia para serem montados por pessoas inexperientes em busca de diversão.

Já nesta época eu vivia o conflito interno de muitas crianças de classe média que conheci. A muito custo poder fazer aulas, com cavalos das escolas de equitação, ou emprestados, mas não ter como pagar por um cavalo próprio e hospedagem. Cresci ouvindo dos meus pais que ter cavalo era para pessoas muito ricas, que aquilo não era para nós. Isto me doía muito, e cheguei a pedir que me colocassem em colégio público e usassem o dinheiro da mensalidade do colégio para poder ter meu cavalo. Obviamente o pedido não foi atendido, e

eu vivia nessa área cinza. Afinal, este universo do cavalo era para mim? Cresci com esta dúvida sempre presente.

Dois ou três anos depois de começar a montar mudamos de apartamento, e com isso de escola de equitação, para uma mais próxima à nova realidade. Novos amigos, “Anastácia”, “Dino”, “Tiririca”, “Baia”, “Sayd” e dezenas de outros. Esta escola era direcionada ao esporte, e não ao simples lazer despreocupado. Aprendi a saltar a contragosto da minha mãe que morria de medo de uma catástrofe qualquer. Aqui as pessoas tinham mais dinheiro do que no outro lugar que montava, me sentia mais deslocada; enquanto algumas crianças sortudas se preparavam para comprar seu primeiro cavalo, outras como eu pareciam saber que os cavalos emprestados da escola de equitação eram o limite. Muitas vezes chorei por conta do conflito, querer tanto estar com cavalos e não me sentir pertencente ao universo das hípicas.

Neste lugar, os cavalos também passavam a maior parte do tempo encocheirados. Mas lembro que ao menos aos finais de semana, nos períodos em que a escola estava fechada, grande parte dos cavalos eram soltos. Apesar disso, foi neste período que comecei a prestar atenção em sinais que veterinários apontavam de estresse dos animais. Cavalos que comiam serragem, ou se mordiam repetidamente em algum lugar até o sangramento. Cavalos que raspavam com os dentes parte do reboco da cocheira ou comiam as próprias fezes. Tais problemas eram tratados no sentido de impedir o animal ao comportamento indesejado, o amarrando em penduricos ou com uso de biqueiras.

Aos 15 anos, por muita insistência, já montava duas ou três vezes na semana e comecei a competir, com cavalos de escola, saltando obstáculos. 60, 80, 90 cm do chão as varas em sequência. As crianças, inexperientes, pareciam sacos de batatas por hora mais ou menos equilibradas na sela. Os cavalos pareciam saber mais o que fazer do que os próprios alunos, eram cavalos mansos e experientes, tolerantes com nossos erros. A esta altura, meus pais puderam arcar com as despesas das competições. Mesmo sem cavalo próprio, caminhão, taxa de inscrição, taxa de tratador, roupas apropriadas, botas, capacete, e as

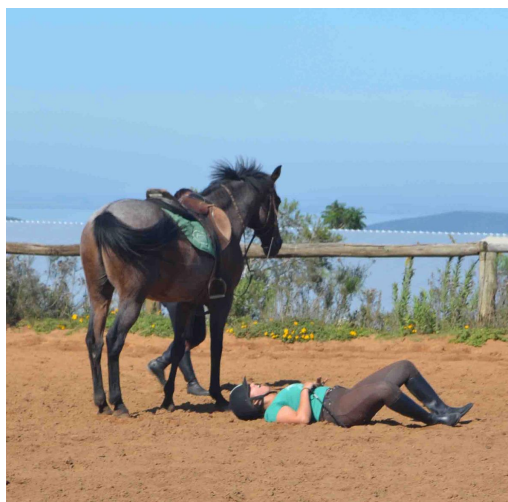
aulas consumiram uma pequena fortuna ao longo dos anos.

Figura 1 "Competição da Liga das Escolas Hípicas do Rio Grande do Sul, Julia e Surenho"



Fonte: acervo pessoal

Figura 2 "Queda após salto de obstáculo, Julia e Jumbo"



Fonte: acervo pessoal

Estava eu ali saltando e volta e meia ouvia um sobrenome famoso ser chamado para a mesma competição que eu. Pequenas crianças, por vezes montadas em opulentos cavalos que valiam mais do que o apartamento onde eu morava. Mas havia uma penca como eu, a maioria talvez. Conheci crianças que faziam vaquinhas para pagar pelas competições. Vendiam biscoitos para cavalos, fotos, pegavam um ou dois ônibus, tudo para poder fazer aulas e estar mais perto dos cavalos. Embora um olhar descuidado possa ver apenas pessoas muito ricas praticando hipismo, em Porto Alegre ao menos, esta está longe de ser a realidade.

Muitas pessoas que acredito que realmente amavam seus cavalos não achavam os longos períodos de cocheira algo ruim, parecia natural, inquestionável. Era feito assim em todas as hípicas que conhecia na época. Não era rara a notícia de um cavalo morrer de cólica, não só na hípica em que frequentava, mas em todas. Mais tarde, consegui entender por minhas leituras e conversas que existia uma conjuntura de fatores para este quadro. O enclausuramento prolongado, a pouca ou inexistente ingestão de gramíneas juntamente com a ingestão por estresse de coisas não naturais para um cavalo.



Ganhei campeonatos de escola com os cavalos emprestados e acumulei meia dúzia de troféus e talvez uma centena de medalhas e escarapelas. Mas cheguei num ponto que estagnei na evolução da montaria. Comecei a ter medo de saltar, talvez até mesmo pelo sentimento de inadequação com o espaço. No fundo é como se sempre houvesse uma voz lembrando que aquele não era meu lugar. Quase como se me fizessem um favor por simplesmente me deixar existir ali.

Figura 3 “Após premiação, Julia e a mãe, Ana”



Fonte: acervo pessoal

Figura 4 “Foto no penúltimo obstáculo do percurso em competição, Julia e Pilsen”



Fonte: acervo pessoal

Aos 17 anos iniciei no Ensino Superior e por uma conjuntura de fatores tive que parar de montar. Foram cerca de dois anos de afastamento dos cavalos e dos esportes equestres. Era quase como se tivesse me conformado com o fato de que aquela realidade não era pra mim. No terceiro ano de curso, trabalhava 10 horas em um estágio que deveria ser de 6. Foram meses estudando pela manhã e trabalhando à tarde e parte da noite. Não via sol fazia meses. A este tempo, em um rompante de loucura (ou talvez lucidez), larguei o estágio e o curso de Design e eu não tinha mais certeza de nada.

Eu queria trabalhar com cavalos, esta é a verdade. Mas aquilo não era pra mim. Tinha dinheiro, carisma, experiência e cursos de menos para ser

instrutora ou treinadora. E tinha dinheiro e instrução demais, e o sexo errado, para limpar cocheiras e cuidar dos cavalos como tratadora. Mas neste momento, em depressão e com crises de ansiedade recorrentes decidi voltar a montar, fazer aula com os cavalos de escola, eu simplesmente precisava estar com estes animais. Voltei a treinar na mesma escola na Zona Sul da cidade de Porto Alegre. Acho que neste momento os cavalos me salvaram.

A verdade é que estes animais nos puxam para o presente, algo difícil para alguém com pensamentos com “excesso de futuro” como os de quem se acomete de ansiedade como eu. Os próximos anos foram bem inconstantes, parava de montar por alguns meses e voltava. O dono da hípica cada vez mais me pedia para montar os cavalos de proprietários sem tempo para exercitar seus cavalos. Talvez na esperança de que isto me incentivasse a comprar um cavalo ou por necessidade mesmo, provavelmente os dois, cada vez mais cavalos eu montava. Pagava por três aulas semanais, mas a cada visita montava por 3 ou 4 horas em uma penca de cavalos diferentes.

Figura 5 “Campeonato Brasileiro de Escolas 2016, Julia e Sayd ”



Fonte: acervo pessoal

Figura 6 “Obstáculo 9A do percurso na Hípica Santa Tereza, Julia e Pilsen”



Fonte: acervo pessoal

Conheci a Suzana mais ou menos nessa época, 2015 talvez. Ela foi um divisor de águas da minha história com cavalos. Montamos na mesma hípica e morávamos perto; era conveniente darmos carona uma à outra. Nestas idas e vindas conversávamos sobre cavalos, rimos muito, nos divertimos. A paixão por cavalos nos uniu em uma amizade e afinidade que dura até hoje. Para entender melhor minha trajetória a partir daqui preciso então apresentar esta amiga.

Suzana tem um haras em uma cidade próxima a Porto Alegre, são mais de 20 cavalos em regime de liberdade. Ela foi professora da UNISINOS do curso de Educação Física por quase 30 anos e trabalhou com psicologia do esporte, fez cursos na Universidade do Cavalo (vinculada À UNISO), enfim, poderia discorrer por muitas páginas o quanto ela tem experiência com cavalos e mais ainda com pessoas.

Quando conheci o haras de Suzana foi impactante, afinal era diferente de tudo que conhecia. A alimentação dos animais era diferente, o treinamento era diferente, a visão acerca do cavalo era diferente. Nenhum cavalo passava o dia em cocheira, salvo quando era por necessidade veterinária. Eu perguntava sobre tudo, e ela generosamente foi cada vez mais dividindo seu conhecimento comigo. Tive o privilégio de participar e colaborar com os projetos idealizados por ela como o Lazer Ativo com Cavalos e o Centauro.

Ela me ensinou a ensinar cavalos, como é ver o mundo dos olhos dos cavalos, sua natureza, enfim dividiu comigo seu conhecimento e me deixou participar da iniciação e treino de seus cavalos. Eu não tinha experiência e por vezes errava na leitura ou reação dos cavalos. Foi então que uma égua se mostrou particularmente desafiadora: a Badalada. Hoje vendo retroativamente acredito que neste primeiro momento Badalada mais me treinou do que eu treinei ela. Ela aprendeu que se virasse de costas, mesmo sem coicear eu me mexia, dando fim a pressão. A verdade é que ela me deu um baile.

Figura 7 “Julia e Badalada no Haras Paraíso RS, antes de iniciar os treinos montados”

Figura 8 “Julia e Badalada após alguns meses em Porto Alegre”



Fonte: acervo pessoal



Fonte: acervo pessoal

Eu queria aprender mais, e por mais que tentasse, Badalada me enrolava, teimosa e inteligente. Surgiu então a possibilidade de levar ela e mais um outro cavalo de Suzana para um outro local e acompanhar o trabalho de um domador experiente. Seriam 6 meses de trabalho, ele me supervisionando e eu fazendo os exercícios. Foi difícil. Nem sempre eu acertava de primeira, mas insisti, ia todos os dias treinar e a Badalada foi cada vez mais respondendo da maneira desejada.

Neste local, eu montava muitos cavalos diferentes. E inclusive ajudei na doma de alguns potros que o instrutor fora contratado para fazer. Somando-se às aulas na outra hípica que frequentava desde a infância, não era raro eu passar 5 ou 6 horas por dia montando e treinando cavalos. Parecia, apesar dos altos e baixos, tudo perfeito. Mas como em toda boa saga houve uma reviravolta dramática.

Minhas costas começaram a doer. A princípio achei que seria apenas uma inconveniência contornável com alguns dias de descanso. Mas não, muitos exames e médicos depois tinha um diagnóstico. Duas hérnias de disco na base da lombar, talvez nunca mais pudesse montar. Apesar de um ano de fisioterapia, a dor não amenizava então precisaria de uma cirurgia, uma artrodese que tiraria os discos prejudicados e uniria as vértebras adjacentes. Eram muitas questões, muitos medos e incertezas. Fiz a operação em 2019.

A recuperação foi lenta. Ainda com a dúvida se poderia voltar a montar resolvi junto com meu marido que teríamos um cachorro, um Border Collie, minha raça favorita por sua energia e inteligência. Depois de meses de pesquisa chegou o Panetone e procuramos (eu e Marcelo) um adestrador. Quando o filhote tinha cerca de 8 meses fizemos um curso de capacitação de adestradores e aprendemos muito. Vi que muita coisa em sua lógica era parecida com a doma de cavalos.

Tive facilidade de aprender a ensinar cães, e Panetone ajudou muito na minha reabilitação da coluna. Eu precisava caminhar com ele, sair da cama, enfim. Nisso surge meu primeiro cliente de adestramento quase que por acaso e começo a atender alguns cães. Acontece então outra reviravolta. A pandemia. Suspendo as aulas de cachorros por tempo indeterminado. Uma boa notícia em meio a isso: minha coluna não dói. Estou completamente recuperada, liberada pelo médico a montar.

Figura 9 “Julia, Panetone, Brownie e Zeus em treinamento”



Fonte: acervo pessoal

Figura 10 “Panetone e Morgana no Parque Farroupilha”



Fonte: acervo pessoal

No final de 2020 vem então um convite. Morar no Haras de Suzana até que seja viável morar novamente em Porto Alegre. Eu aceito, volto a fazer aulas de equitação com professoras que vêm da capital duas vezes por semana. Contudo, o contato com cavalos é praticamente diário, nesta retomada cada vez mais aprimoro minha comunicação com estes seres. Esta é a minha realidade hoje, cercada de cavalos, plenamente recuperada da coluna, a espera do fim da pandemia para dar continuidade ao treinamento de cães e poder ir à Universidade de Cavalos fazer curso de capacitação de domadores.

## **Capítulo II: Conceitos basilares sobre sujeitos humanos e não-humanos**

Este segundo capítulo apresenta os conceitos teóricos essenciais às análises subsequentes. O objetivo deste trecho é orientar o leitor acerca de uma gama de conceitos que se entrelaçam e conduzem a narrativa da análise por um entendimento específico, evitando assim a ambiguidade e estabelecendo uma lente de análise delimitada.

Visando cumprir uma organização facilitadora, a arquitetura desta sessão se dá em três etapas. A primeira etapa, aborda a noção de pessoa e a concepção de sujeito, e sua possível extensão categórica a animais não-humanos. Em sequência, no segundo tópico, é abordada a questão da domesticação e da doma, sendo o que se discute em última análise a dicotomia cultura/natureza e suas implicações. No último trecho, analisamos um pouco mais de perto um recorte da teoria de Foucault, com atenção especial à questão da disciplina e seus dispositivos.

### **Noção de Pessoa e Concepção de Sujeito**

Para que exista de fato uma relação humano-cavalo é necessário entender os animais para além da categoria de “coisa”. Este trecho se ocupa então de explicitar o entendimento contemporâneo pós-humanista acerca dos animais, bem como o movimento ontológico de atribuir aos animais categorias como a de pessoa ou de sujeito. O que se fez foi um recorte, que possibilita análises posteriores.

A noção de pessoa tem sido objeto importante e recorrente às Ciências Humanas, podendo-se ressaltar sua ocorrência na obra do antropólogo francês Marcel Mauss (2003). O autor conceituou tal noção enquanto uma construção sócio-histórico-cultural, e não como puramente natural e psicológica. Desta forma, a noção de pessoa é apresentada como uma construção coletiva mutável e dependente das concepções teóricas e políticas do que seria “pessoa”. Não seria coerente então, no contexto pós-humanista ocidental, categorizar os animais meramente como objetos ou coisas. Neste sentido, o conceito de *Pessoa*, como um fato fundamental de direito, possibilita uma visão não objetificante aos animais não-humanos na esfera jurídica e afetiva.

No âmbito jurídico a classificação de animais não-humanos como pessoa vem ganhando espaço. A exemplo disso temos o ocorrido na Áustria, que estendeu com

a emenda do artigo 285 do código civil austríaco o status de pessoa aos animais. A emenda, no entanto, o faz de forma indireta pois afirma que qualquer ente que não seja pessoa tem o estatuto jurídico de coisa, acrescentando em seguida que “animais não são coisas” (BEVILAQUA, 2011). O fato de animais protagonizarem discussões midiáticas no campo do direito, no Brasil e no exterior, provoca questionamentos sobre o papel e o lugar que estes não-humanos figuram na sociedade.

Na esfera afetiva das sociedades pós-domésticas a categorização proporciona ainda mais possibilidades, visto que a dicotomia coisa/pessoa adquire um caráter fluido. Os animais domésticos, como cães e gatos, ocupam cada vez mais funções nos espaços familiares, onde alguns deles vivem apenas para serem sujeitos do afeto humano, e são alocados em posições de parentesco, ocupando em alguns casos, papel de filhos. Nesse contexto, o animal adquire um caráter de sujeito, e quando os proprietários se referem a eles como “meu gato” ou “meu cachorro” não o fazem no sentido de propriedade, mas em um sentido de parentesco do mesmo modo que falamos “meu filho” (OSORIO, 2016).

A condição de sujeito concedida aos animais domésticos pelos seus proprietários nos remete inicialmente a um ser que se sujeita a algo, o que abre espaço para que possamos discutir qual melhor concepção de sujeito pode ser aplicada aos animais não-humanos, caso seja possível aplicá-la, e por outro lado, se podemos pensar em termos de configurações de poder que podem existir nessa relação interespecífica.

Segundo o filósofo Michel Foucault (1995) o sujeito é constituído pelo discurso e esse, por conseguinte, construído a partir das relações de poder. Em uma definição mais potente do termo, sujeito se refere diretamente a um sentido de subjetividade, tocante ao modo como o indivíduo estabelece uma relação consigo mesmo, portando uma consciência de si, constituindo desse modo um *sujeito ativo*. A outra modalidade de sujeito - no sentido de sujeitado -, é aquele que não se constitui por si mesmo e sim por práticas de poder onde integra o campo de objetos de saberes, sendo qualificado portanto como *sujeito passivo*. Esse sujeito que não é constituído por si mesmo, e sim por práticas institucionais de poder, inclusive a jurídica, é, a nosso ver, onde podemos abarcar o animal não-humano enquanto

sujeito, seja nos âmbitos afetivos quanto jurídicos. A possibilidade de aplicação da teoria foucaultiana na análise dos animais não humanos é corroborada por Hansen (2017) em seu artigo “Dressage: Training the Equine Body”.

Com efeito, o que se observa é que em muitos aspectos os animais na nossa cultura são tratados como verdadeiras pessoas, dotados de intersubjetividades e individualidade, o próprio costume de nomear um animal sugere uma individualização e personificação. Existe então um movimento emergente de aproximação entre animais humanos e não-humanos, o que é coerente com o movimento de ruptura entre cultura e natureza, conforme veremos no próximo trecho deste capítulo.

### **Domesticação e a Dicotomia Cultura/Natureza**

A relação do homem com tudo aquilo que não é humano sofreu intensas modificações na modernidade e nos períodos posteriores resultando em efeitos dos mais diversos, inclusive no âmbito epistemológico. A conjuntura antropocêntrica pós-medieval propiciava pensar-se o mundo em função da dualidade que propunha a separação total entre *cultura* e *natureza*, de forma a apresentar o homem distinguindo-o de toda alteridade por ser dotado de vontade racional e livre, não estando unicamente relacionado às leis da causalidade inerentes à natureza.

“Em certo sentido, [os iluministas] combateram o teocentrismo, mas não conseguiram superar o antropocentrismo, mantendo de forma artificial a oposição entre cultura e natureza, entre o cru e o cozido, a racionalidade e a irracionalidade.”(ALVES, 2012)

Neste contexto, a domesticação de animais é vista por uma perspectiva econômica da incorporação destes, numa relação de exploração.

Na contemporaneidade autores como Bruno Latour, Tim Ingold e Eduardo Viveiros de Castro atentaram para a insuficiência deste paradigma, que se mostra até então hegemônico. Sob influência desses autores, o pensamento pós-humanista permite uma restituição aos seres não-humanos de sua agência, e desta forma pensar a questão da domesticação para além de um empreendimento do avanço da técnica, numa lógica positivista. É acertado afirmar então que, com o esvaziamento



da dicotomia cultura/natureza, outras dualidades também se esvaem; é o caso das divisões entre homem/animal e selvagem/doméstico (CASSIDY, 2007).

A domesticação, conforme apresenta Jean-Pierre Digard (2012) está para além de um processo limitado às suas primeiras ocorrências, estudadas pelos arqueólogos. Em seu entendimento ela acontece de maneira contínua, podendo inclusive os animais passar por um processo de desdomesticação. A domesticação, e em evidência a doma, é uma via relacional, de mão dupla. O ser humano também se modifica nesse processo. Ao domar o cavalo o ser humano se condiciona, é “domado” pois ele precisa aprender os gestos certos, os comandos de voz, os comandos do próprio corpo para atingir os efeitos adequados.

### **Foucault, Disciplina e Seus Dispositivos**

Este terceiro trecho do capítulo, visa uma apresentação panorâmica de abordagens de Foucault acerca de questões relevantes às análises posteriores.

É preciso entender que, conforme afirma Foucault em *O Sujeito e o Poder* (1995), sua obra tem como ponto basilar a questão do sujeito, e não o poder como se pode pensar. Seu objetivo, afirma, foi criar uma história das diversas maneiras pelas quais, em nossa cultura ocidental, os seres humanos tornaram-se sujeitos. Se por um lado, o sujeito é constituído a partir de imposições que lhe são exteriores, sendo compreendido como um produto das relações de saber e de poder; por outro, o sujeito é constituído a partir de relações intersubjetivas em que há espaço para a manifestação da liberdade que possibilita a criação de si mesmo como um sujeito livre e autônomo.

O poder, em poucas palavras, é expresso enquanto “[...] relações de forças de pequenos enfrentamentos, microlutas.” (FOUCAULT, 2006, p. 231). Desta forma se apresenta capilarizado, não é algo que se detém. Estas microlutas consistem em ações sobre ações, enfrentamentos de atos, os quais constituem sujeitos. Para Foucault, o poder implica saber e conseqüentemente, o saber repousa sob um jogo de poder.

Ligados à relação de poder existem dispositivos que constituem em estratégias de relações de força (FOUCAULT, 1979). Um dispositivo pode ser

tático ou constituir na própria estratégia, atuando de maneira a constituir indivíduos que atendam determinada urgência histórica. Sendo assim os dispositivos podem ser das mais distintas naturezas: organização arquitetônica, instituições, discursos, equipamentos, etc. Duas formas de dispositivos são apresentados pelo autor: o de segurança e o disciplinar. Por questões de delimitação do problema, veremos um pouco mais a fundo apenas o dispositivo de disciplina.

O dispositivo disciplinar tem por meta o exercício de poder que submete e disciplina os corpos, a fim de docilizá-los e torná-los úteis. Por disciplina, compreendem-se métodos:

[...] que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade–utilidade [...] A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos ‘dóceis’. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). (FOUCAULT, 2007, p. 118 -119)

Neste capítulo foram apresentadas bases sem as quais as análises posteriores não poderiam existir. Um animal, e com efeito, um cavalo, pode ser considerado sujeito no sentido que se entende apenas quando superada a dualidade opositora cultura/natureza. O cavalo em contexto humano se apresenta então como inserido em relações de poder-saber e exposto à disciplina e seus dispositivos. Vale ressaltar contudo que não é apenas o ser-humano que exerce poder sobre o cavalo, este também o faz.

### **Capítulo III: O universo do cavalo e as infraestruturas da relação**

Para o cavaleiro, a sincronicidade da equitação envolve a extensão do corpo humano por meio de equipamentos, incluindo freio e sela, para dentro e para cima do corpo do cavalo para permitir o comando e controle, ou comunicação no discurso de parceria (CAVENDISH, 1743). Para além destes equipamentos, o espaço e a distribuição deste em estruturas também fazem parte dos dispositivos de relação cavalo ser-humano.

Este capítulo objetiva apresentar o cavalo e as infraestruturas da relação dele com o ser-humano. Embora para alguém que já esteja habituado a estes animais, muito do que se diz aqui pode beirar a obviedade, o que se pretende é dar condições de entendimento ao leitor não inserido no meio. Desta forma a sessão representa, juntamente com os capítulos anteriores, uma base apropriada ao correto entendimento das análises do próximo e último capítulo.

#### **Etologia Equina, Doma e Horsemanship**

Os cavalos são seres estritamente herbívoros, ou seja, comem grama, alimentam-se de capim e de outras gramíneas; seu habitat natural são os campos abertos, os prados e as grandes pastagens. Desta forma, este animal se encontra na cadeia alimentar sempre enquanto predado e nunca como predador. Frente a uma situação de perigo ou ameaça iminente, sua resposta inicial é fugir, nunca enfrentar; poupar energia para estas situações é visto como algo imprescindível. Em liberdade, nascem em um contexto de grupo hierárquico, liderado por uma égua geralmente corpulenta e mais velha. A líder é responsável pelas questões de ordem do grupo, assim como pelas necessidades de sobrevivência e decisões com relação a isto. Quando existe uma quebra neste respeito, existem os problemas, que são resolvidos entre os membros do bando, através dos mais experientes. Tudo isto é resolvido por meio da comunicação entre os indivíduos do bando. Os cavalos comunicam-se através de vocalizações e de sinais corporais utilizando, por exemplo, as orelhas, os olhos, a cauda, as patas, a boca, os andamentos e o pescoço. (MARINS)

Figura 11 “Éguas soltas em pastagem no Haras Paraíso RS”



Fonte: acervo pessoal

Conforme consta no dicionário Aurélio, o verbo domar significa “Amansar à força”, ou seja, trazer para o âmbito doméstico o que é selvagem. Desta forma, a expressão está carregada com toda a dualidade que seu significado implica, e nega aos animais seu status de sujeito ativo, bem como à interação vivenciada entre homem e cavalo o status de relação. Na literatura específica, a doma é apresentada como um conjunto de técnicas que possibilitam que, em um tempo variável, o cavalo deixe de ser um animal indômito e passe a permitir que um ser humano o monte e guie. A mudança de paradigma que podemos observar no campo acadêmico, se dá também pela emergência de novas configurações simbólicas na esfera pública. Profissionais da área vêm abandonando o uso do termo doma. Fala-se hoje em iniciação de cavalos e horsemanship, que é descrito o processo de relacionamento entre pessoas e cavalos (ROBERTS, 2016).

Pode não parecer óbvio para quem tem pouco ou nenhum contato com estes animais, mas cavalos não nascem sabendo carregar pessoas nas costas. Eles precisam ser ensinados, condicionados a tal. São semanas, meses, anos de trabalho consistente até que atinjam as esperadas condições de condicionamento físico e mental. E do mesmo modo que existe mais de uma forma de ensinar uma criança a ler, existem diversas formas de ensinar um cavalo. Cavendish (1743) é emblemático ao comparar o processo de treinar um menino para ler ao de ensinar um cavalo os diversos elementos do adestramento, ressaltando que nenhuma pancada é capaz de produzir compreensão de leitura no menino até que ele tenha aprendido seu alfabeto. Para este autor, “adestrar” um cavalo é ensinar uma espécie de alfabeto que, por meio da prática, resulta no corpo equino articulado: “O cavalo é

ensinado primeiro a saber e, em seguida, pela repetição frequente para converter esse conhecimento em hábito”.

Da relação entre função desejada ao cavalo específico, seu temperamento e visão teórico/prática da doma pelo domador surge não uma doma, mas uma gama de “domas” no plural. Cada uma destas “domas” tem um conjunto de técnicas e instrumentos, próprios ou compartilhados, podendo variar inclusive por conta do temperamento de cada cavalo. Desta forma é importante apresentar alguns elementos que compõem este universo.

No discurso da doma tradicional compreende ações realizadas para que o cavalo se submeta, se torne dócil e submisso. Em inglês, por esta linha, quando se fala em doma se fala em quebrar (break in) o cavalo. Conforme aponta Roberts (2016), esta linha foi o principal tipo de doma praticada até o final do século XX. No contexto brasileiro, diferentes regiões têm peculiaridades locais na forma de domar cavalos. (HERING, 2020). “Quebrar” o cavalo tem sido uma técnica associada à força, bravura e coragem; desta forma, um domador tradicional personifica a dominância dos humanos sobre as outras espécies. (Farmer-Dougan e Dougan, 1999, p.143).

Este tipo de doma é executada em duas etapas: a “doma de baixo”, que por forçamento objetiva o cavalo aceitar cabresto e contato humano, e a “doma de cima”, que intenta que o animal aceite arreios e cavaleiro. A aplicação de punições diversas é a base deste tipo de doma, sendo comum que o cavalo reaja com agressividade tentando se ver livre. De modo geral, o cavalo não é respeitado em sua natureza, física ou psicologicamente; esporas, chicotes e cordas são utilizados tendo em vista dominar o animal pela dor. Geralmente é necessário levar o cavalo à exaustão para que aprenda a aceitar os comandos, e o processo pode incluir atividades como laçar o cavalo, puxar seu pescoço com cordas de um lado para o outro, amarrar suas pernas (“maneio”), derrubá-lo no chão para submetê-lo à força humana, “quebrar o queixo” (“doma de bocal”), entre outras tecnologias que agem de forma direta sobre a carne do animal.(HERING, 2020, p.293)

Por sua vez, a doma racional traz no âmago de seu discurso que o cavalo deve ser iniciado no treinamento de forma respeitosa com sua natureza, sem a utilização de nenhum método violento, ou capaz de causar dor. (Birke, 2008). A

metodologia da doma racional em si pode incluir diversas etapas, assim como a doma tradicional. Conforme aponta Hering (2020), os primeiros contatos humano-cavalo podem incentivar um bom relacionamento; pode-se utilizar uma escova macia para massagear gentilmente o animal como forma de aproximação. Estas sessões acostumam o cavalo ao toque, e podem ser gradativamente intensificadas nos pontos onde os equipamentos como sela e cabeçada serão posteriormente colocados, de forma a habituar o animal. Após este primeiro passo, são gradualmente apresentados os outros equipamentos como mantas e selas.

Como na doma tradicional, é feita também aqui uma “doma de chão”: um processo no qual o cavalo é ensinado a se mover nas andaduras e mudar de direção conforme os comandos. É preciso lembrar contudo, que este processo, na doma racional, é feito de forma gradual e gentil. Quando o cavalo está num grau adequado de aprendizado, inicia-se a “doma de cima” que é uma continuação dos mesmos comandos ensinados durante a “doma de chão”, agora acionado pelo adestrador montado (HERING, 2020). De acordo com Smith (2011, p. 9) e Birke (2008, p. 109), este modo de lidar com cavalos promoveu uma espécie de “revolução na comunidade equestre”, e desde meados da década de 1980 vem ganhando cada vez mais adeptos. Se a doma tradicional traz o discurso de subjugar, aqui o que impera é o da comunicação.

Observamos uma mudança clara de discurso, da dominação para a comunicação. E embora a mudança na metodologia de treinamento mantenha o objetivo de alcançar a obediência e docilidade, a narrativa e os métodos pelos quais tal obediência é cultivada se acometem de diferenças acentuadas (HANSEN, 2017).

### **Sobre os espaços dos cavalos domesticados**

Com o intuito de familiarizar o leitor aos termos e instalações equestres, o que se fez aqui foi um apanhado geral da materialidade estrutural do universo do cavalo domesticado, havendo, obviamente, um recorte. Existem questões e realidades nas quais não me aprofundei, que podem destoar mais ou menos desta materialidade. Montamos aqui quase que um tipo ideal de propriedade equestre em suas instalações mais características.

Haras pode ser um termo quase alienígena para quem não é do meio, mas em poucas palavras é o espaço destinado à reprodução e seleção de uma ou mais raças de cavalos. Na magnitude de propriedade, existem ainda os centros equestres ou centros hípicos que podem ser associados a um haras ou não, mas lidam de forma mais direta com serviços como aulas de equitação, hotelaria para cavalos, atendimento terapêutico, eventos, práticas desportivas, entre outros usos - geralmente associados à serviços.

Figura 12 “Instalações do Haras Paraíso RS em vista aérea”



Fonte: acervo pessoal

Nestas propriedades existem uma série de estruturas próprias ao manejo e treinamento de cavalos. Os piquetes, por exemplo, são espaços ao ar livre, geralmente com pasto onde os cavalos podem ficar pastando e caminhando soltos, sozinhos ou em grupos. Geralmente, se tem mais de um piquete por propriedade, para separar animais por característica ou interesse. Um garanhão - cavalo macho não castrado - por exemplo, não deve ser colocado junto com éguas caso não se deseje crias e geralmente são mantidos sozinhos. Cada piquete é separado de outro por cercas de madeira, arame farpado ou liso ou ainda fios com corrente elétrica.

Um estábulo, por sua vez, é uma construção destinada ao confinamento dos cavalos. É constituído por um conjunto de pequenos cômodos individuais para a separação de cada animal, as cocheiras ou baias. Estas construções podem ser

mais rústicas de madeira ou ainda de luxuosa alvenaria, com reboco e por vezes até com ventiladores ou ar condicionado! Geralmente têm um corredor que corta a construção de ponta a ponta em seu comprimento, podendo ter duas fileiras de cocheiras - uma a cada lado do corredor - ou quatro - duas a cada lado.

As cocheiras têm um contrapiso duro de concreto ou chão batido que é forrado com areia, serragem, casca de arroz ou piso emborrachado a fim de evitar que os cavalos machuquem seus cascos. Cada tipo de “cama” tem seu custo, suas vantagens e desvantagens. Em sua maioria as cocheiras tem comedores e bebedores, devendo estar estes sempre com água; em lugares com menos infraestrutura é comum este bebedor ser um balde, nos mais modernos os são alimentados por encanamento e enchidos automaticamente, com água a livre demanda.

Selaria é o local onde são guardados os equipamentos de montaria, manejo e treinamento. Um haras ou centro hípico pode ter uma ou mais selarias e clubes mais pomposos chegam a ter selarias particulares, onde ficam os materiais e equipamentos de um único sócio mais abastado ou de uma família, tendo por vezes até um pequeno espaço para descanso e socialização com sofá e mesa. O tipo de equipamentos guardados pode variar bastante de acordo com o contexto, como veremos mais para frente.

Redondel é um tipo de curral circular destinado principalmente à doma e treinamento de cavalos ou ainda para o exercício de cavalos que não podem por alguma razão de saúde ser montados. Neles, uma pessoa pode se posicionar ao centro e com a movimentação circular no próprio eixo consegue observar e se comunicar com o cavalo facilmente. O cavalo se mantém na parte mais externa do círculo, desta forma embora para acompanhar o cavalo a pessoa deva ter uma velocidade angular igual a do animal, sua velocidade vetorial é menor. Por vezes também é utilizado para montaria, principalmente de cavalos inexperientes em processo de doma.

Figura 13 “Redondel em vista aérea”





Fonte: acervo pessoal

Existem pistas para práticas equestres esportivas e de lazer das mais diversas. O terreno pode ser de areia grossa para absorver o impacto, de grama ou ainda com o solo natural do local (que embora não seja o mais recomendado é o mais barato). Existem pistas cobertas, com telhado para proteção da chuva e do sol e existem pistas sem este recurso, apenas cercadas. Alguns esportes como adestramento, por exemplo, têm a exigência de dimensões de pista. Mas no geral, todos os tipos de pista exigem manutenção para nivelar e drenar o solo periodicamente.

Por fim, hípicas costumam ter sedes mais ou menos pomposas, estas destinadas às pessoas. Geralmente existe aqui um escritório, mesas, cozinha, banheiro... podendo variar bastante em cada propriedade. Enquanto algumas sedes tem até mesmo restaurantes, salões sociais e banheiros modernos, outras são rústicos galpões de madeira com banheiro simples e sem muito luxo. Hípicas maiores por vezes contam ainda com salões e outras instalações.

### **Sobre os materiais de manejo montaria e doma do cavalo de sela**

Existe hoje uma infinidade de materiais e equipamentos para a montaria, manejo e treinamento de cavalos. Embora para um leigo alguns materiais possam parecer parecidos demais a ponto de poderem ser resumidos como sendo a mesma coisa, quando olhamos mais a fundo e entendemos de fato

cada equipamento percebemos que existe um universo diverso e rico, preocupado com cada detalhe de cavalo, cavaleiro, sua interação, suas técnicas e materialidades. Aqui o objetivo é uma apresentação panorâmica, mais adequada aos objetivos propostos no trabalho, pois cada um dos materiais certamente poderia representar por si só um tópico de discussão infundável. A fim de tornar a apresentação mais dinâmica, foram utilizadas imagens.

Figura 14 “Montagem com dispositivos da relação cavalo e ser humano”



Fonte: acervo pessoal

#### **Capítulo IV: Cavalo, Dispositivos Disciplinares e a Doma**

Neste último capítulo é tecida uma análise, pelo viés foucaultiano, da disciplina na relação cavalo-humano. Embora em seu início, traga uma breve contextualização, logo se dá foco à questão dos dispositivos, em seu paralelo interespecífico e humano-humano.

A relação do ser-humano com os cavalos surgiu há cerca de 6 mil anos na Eurásia. Contudo esta não é estática em sua expressão, passou por dinâmicas próprias de reinvenção e capilarização geográfica. Com efeito, o que se quer ressaltar é que a relação entre homem e cavalo está marcada por contexto geográfico, histórico e cultural. (HERING, 2020) Desde as pinturas rupestres este animal é representado, estando presente em obras de arte e literatura até a modernidade. Sua domesticação permitiu não apenas uma movimentação mais rápida, representou também uma importante tecnologia para a agricultura e na guerra.

Nem todo cavalo é igual, algo para além da questão genética os torna diferentes, de acordo com o contexto em que vivem e como se relacionam com os seres humanos e com outros cavalos. Mais que isso, cavalos diferentes podem responder de forma diferente ao mesmo meio, e mesmo tratamento; em liberdade, têm suas preferências no bando, evitam certos cavalos e procuram outros. Cavalos aprendem com seres humanos e com outros cavalos, um objeto não pode ser ensinado; por mais dedicado e insistente que seja o professor, nunca conseguirá “ensinar” uma pedra a não cair ao solo quando largada. Os objetos, podem, claro, se comportar de maneira não esperada e terem agência neste sentido, conforme aponta Latour, mas aprender está relacionado a certo grau de capacidade de entendimento.

De acordo com Falko (2000) “instinto é o impulso interior que faz um animal executar inconscientemente atos adequados às necessidades de sobrevivência própria, da sua espécie ou da sua prole”. Nas áreas biológicas, e até mesmo nas humanas é recorrente a afirmação de que fora o homem, todos os animais agem somente pela força do instinto. Contudo, falar apenas em simples instinto, como algo natural atribuível de forma mecânica e totalizante a toda a existência não-humana parece demasiado incoerente quando se rompem as fronteiras entre cultura e

natureza. Certamente tudo pode ser explicado por instinto numa lógica antropocêntrica que já nega a priori qualquer subjetividade aos animais, mas se restituíssemos aos humanos sua natureza, e num esforço mental o pensássemos nos mesmos termos que impomos aos animais não humanos neste sentido totalizante, também não seria difícil explicar tudo por um viés do instinto.

Quando pensamos da forma hegemônica, toda atitude animal deve necessariamente corresponder a um impulso instintivo, e quando parece não corresponder deve-se sempre buscar uma motivação incompreendida, um instinto mais profundo que deve, para fins explicativos, ser desvelado. Aos humanos, se faz um esforço contrário: nada, ou quase nada, é instintivo, tudo se apresenta como cultural; falar que alguém agiu por instinto na moderna sociedade ocidental tende a ser algo pejorativo. Dito isso e dada a ruptura com a dualidade cultura e natureza, hoje aceita por diversos intelectuais das Ciências Humanas seria então mais razoável a indagação: é possível negar a dualidade cultura e natureza e ao mesmo tempo não conceder aos animais o status de sujeito sem que isto implique na impossibilidade desse status aos próprios seres humanos?

Em *Os Recursos Para o Bom Adestramento*, capítulo contido em *Vigiar e Punir* (2007), Foucault afirma que o poder disciplinar tem por sua principal função o “bom adestramento”, ou seja criar corpos dóceis e produtivos, passíveis de exploração. Para nossos fins, analogia mais conveniente seria impossível. Normalmente diz-se que os animais são adestrados, não os seres humanos. Seres humanos *aprendem*, são *educados*. Tomemos por exemplo as instituições de ensino: claro que as escolas descritas pelo autor ensinam matemática, gramática e física - ou quaisquer outros conteúdos coerentes a cada contexto - , mas o que se atenta é para o fato de que também adestram os corpos e formam sujeitos.

Desta forma, o poder disciplinar não tem por intento restringir as forças dos indivíduos, sejam cavalos, sejam seres humanos, mas aumentá-las, de modo que este poder se exerce de forma positiva, produzindo realidade. Pode-se dizer ainda que neste processo está implícito o próprio surgimento do sujeito, que quando se trata dos seres humanos que vivem num contexto ocidental, é o átomo fictício, ao mesmo tempo padronizado e diferenciado, de uma representação “ideológica” da sociedade; e neste contexto a disciplina torna cada indivíduo objeto e instrumento de

sua ação. Nesse sentido, é possível supor então que o ser humano não nasce sujeito, apenas indivíduo - produto da burocracia - mas se faz sujeito. (FOUCAULT, 2007)

Nas relações humano animal, a interação sujeita o cavalo, que aprende a dispor do seu corpo conforme solicitado. O exercício do saber-poder com a aplicação de técnicas disciplinares por muitas vezes espantosamente análogas às das instituições totais humanas transformam o animal. O processo de iniciação, poderia ser comparado ao processo de ensino nas escolas humanas que Foucault descreve em *Vigiar e Punir* (2007), cada um com seus mecanismos próprios. Contudo, é preciso lembrar que da mesma forma que o saber criado por Foucault é localizado, e não poderia ser aplicado de forma automática a um contexto ontológico diferente do proposto por ele, o trabalho de aplicar sua teoria ao contexto interespecífico exige cuidados aumentados. Dito isto, passemos a um exemplo simples de disciplina muitas vezes utilizado na doma de cavalos: as cocheiras.

Cavalos, no contexto urbano dos esportes equestres, vivem numa circunstância de encocheiramento, muito diferente daquela de liberdade. Seus movimentos são restritos e sua alimentação é restrita, com horários rígidos. Quando um cavalo, ainda não domado, nascido num haras, que tem uma possibilidade bem maior de liberdade, passa a habitar uma hípica ou centro equestre é comum que a cocheira seja o primeiro passo para a doma, mesmo que não oficialmente. Nos primeiros dias é corriqueiro que o animal apresente estresse elevado, quer a todo custo fugir, relincha muito, buscando seus companheiros de bando, com os quais dividia a pastagem. Durante estes dias é esperado que o animal não durma, até que acabe por fim se acostumando com sua nova condição, da qual não consegue fugir. Atualmente, quando o espaço físico permite, muitos treinadores optam por fazer a transição do campo para a cocheira de forma gradual, com tempo progressivo de afastamento do animal do bando, possibilitando ao animal ao menos algum tempo de relativa liberdade todos os dias.

Conforme aponta Hansen em seu rico artigo “Dressage: Training the Equine Body” (2017), o estábulo envolve uma divisão do espaço disciplinar “em tantas seções quantos forem os corpos ou elementos a serem distribuídos”(Foucault, 2007). Nesse espaço “cada indivíduo tem o seu lugar; e cada lugar é

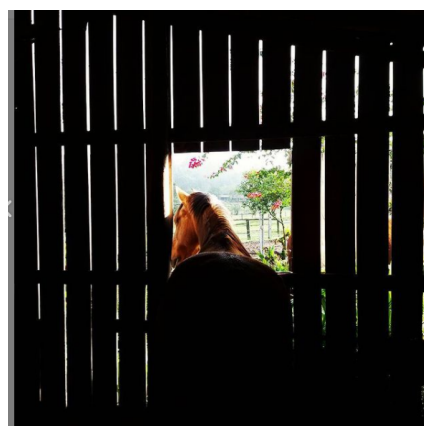
individual”(Foucault, 2007). Conforme aponta a autora, manter os cavalos em baias individuais os torna facilmente acessíveis e sujeito a uma gestão intensiva, permitindo que se possa saber onde e como localizar indivíduos, pode-se então a cada momento fiscalizar, avaliar e julgar a conduta de cada um para calcular suas qualidades ou méritos.

Figura 15 “Planta-baixa de estábulo”



Fonte: JHmrad, House plans and Design. Disponível em: [https://cdn.jhmrاد.com/wp-content/uploads/horse-barn-floor-plans-vip\\_100721.jpg](https://cdn.jhmrاد.com/wp-content/uploads/horse-barn-floor-plans-vip_100721.jpg)

Figura 16 “Interior da cocheira no Haras Paraíso RS”



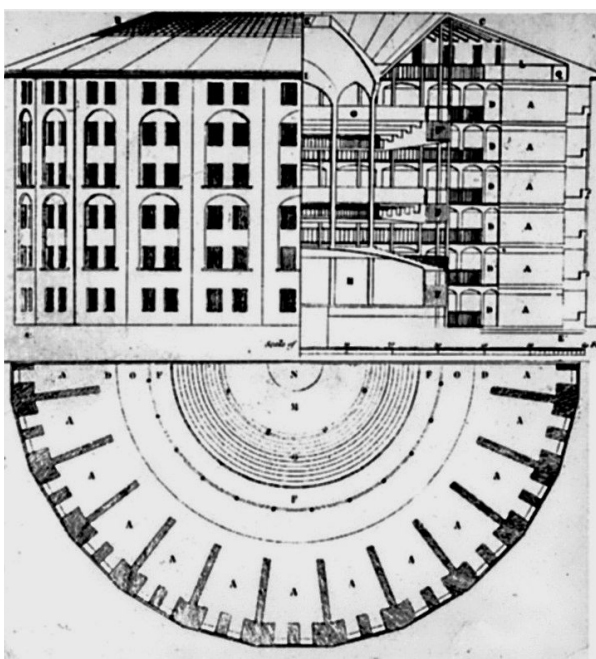
fonte: acervo pessoal

Conforme Foucault (2007), o considerável sucesso do poder disciplinar se deve a três instrumentos relativamente simples: o olhar hierárquico, a sanção normalizadora e o exame. O primeiro destes instrumentos, a vigilância hierárquica, é um dispositivo que obriga os indivíduos pelo jogo do olhar; as técnicas que permitem ver, aqui, induzem aos efeitos do poder. Assim sendo, nas sociedades onde impera a disciplina, foram criadas adaptações arquitetônicas e de outras naturezas que geram uma sensação de vigilância constante, real ou imaginada. Assim se fez em vários locais, mas em especial na escola, no exército e no manicômio, instituições que buscam um “bom adestramento”.

Quando falamos de cavalos, a vigilância hierárquica também se faz instrumento importante. A exemplo disso temos o redondel, espécie de curral circular que em muito lembra o panóptico; é neste local que é feito o exercício da conjunção, ou join-up, comumente o primeiro do processo de aprendizado do cavalo. Conforme, Monty Roberts (2016) tal exercício consiste no estabelecimento de um diálogo não falado do ser humano com o cavalo e seu objetivo é estabelecer um

laço entre ambos, sendo que a pessoa deve ser percebida como líder. O processo se dá inspirado pelo que se observa na natureza, quando algum dos membros de um determinado grupo de cavalos faz algo que a égua líder considera inadequado, esta expulsa temporariamente este membro do bando, mantendo-o longe apenas pelo olhar e por sua posição de corpo. Após algum tempo, o cavalo que encontra-se afastado começa a mostrar sinais de que está disposto a seguir as regras e de submissão; querendo voltar ao grupo ele lambe os lábios e abaixa o focinho até quase o chão, mas sem pastar. Quando a égua líder decide que é hora de deixar o cavalo exilado voltar, esta comunica virando-se quase que de costas para aquele. Há certamente uma infinidade de outros sinais que não cabe aqui mostrar, mas que pode-se ressaltar é a existência de toda uma comunicação silenciosa.

Figura 17 “Panóptico”



desenho do arquiteto inglês Willey Reveley, 1791. Fonte: Wikipedia Disponível em: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/1/11/Panopticon.jpg>

Figura 18 “Redondel”



Fonte: acervo pessoal

Durante o join-up, o cavalo encontra-se em liberdade dentro do redondel, enquanto o ser humano encontra-se ao centro apenas com uma corda leve em mãos. A tendência é que, com o olhar direto o cavalo comece a correr, sem estímulos adicionais, caso não ocorra, a corda é arremessada na direção do animal,

mas não deve nunca tocá-lo ou causar-lhe dor. O cavalo tenta buscar a saída para aquela situação, tentando fugir, começa a correr em círculos. Caso queira parar é estimulado a continuar até que comece a tentar se comunicar. Quando o animal desiste da possibilidade de fuga, ele começa mostrar curiosidade com relação à pessoa, ainda correndo, sua cabeça se volta para dentro, os círculos vão ficando cada vez menores, mais próximos ao centro, a orelha interna se fixa no ser humano. Até que enfim o cavalo lambe os lábios e, ainda em movimento, abaixa a cabeça, como fazem os cavalos afastados pela égua líder nas manadas. Mostrados estes sinais, a pessoa atrasa o olhar, seus passos se tornam mais lentos, o cavalo vai diminuindo a velocidade até que para por completo, girando todo seu corpo para o centro do redondel. A pessoa então se aproxima com calma e deixa o cavalo cheirar sua mão para então acariciá-lo por toda a extensão. Feito isso, o que se faz é esboçar um afastamento, a princípio, um ou dois passos apenas. A tendência é que, na sequência, o cavalo acompanhe o movimento e em pouco tempo siga a pessoa pelo redondel, aceitando sua liderança.

Tal exercício é utilizado no método de doma chamado *racional*, não tendo por intuito cansar o cavalo, nem levá-lo à exaustão, mas tornar o corpo do cavalo dócil, adestrado. Tal qual o panóptico possui um vigilante potencial no centro, o redondel trabalha com jogo de olhares do ser humano sobre o cavalo que em nenhum ponto consegue fugir sem ser facilmente alcançado pelos olhos do domador. O cavalo se sente, para todos efeitos, sempre vigiado. No panóptico, o prisioneiro que não age de acordo com a norma estabelecida corre risco de sanções. O cavalo por sua vez, no redondel, que dispõe de forma indesejada o seu corpo recebe uma punição imediata, sendo esta da mesma natureza do exercício. Se pede algo que seria um exercício mas mais difícil para o cavalo. Por exemplo: se o cavalo quiser invadir o meio do redondel, espaço reservado para o ser humano, este deve fazer com que o cavalo corra mais rápido.

No redondel, o cavalo encontra-se então privado de liberdade. O seu corpo e a disposição do seu tempo estão sendo o tempo todo avaliados pelo domador e este só libera o cavalo quando estiver satisfeito com o resultado dos exercícios. Cohen sugere que no treinamento “O domínio que o cavaleiro aprendeu a exercer sobre seu companheiro animal era paralelo à capacidade de resposta controlada que ele ensinou à sua própria carne”.



O segundo instrumento da disciplina apresentado por Foucault que cabe aqui ressaltar é a sanção normalizadora a qual se justifica pelo fato de haver, na essência de todos os sistemas disciplinares um pequeno mecanismo penal. Este, tem por função qualificar e reprimir um conjunto de comportamentos que escapam ao viés dos grandes sistemas de castigo por conta de sua relativa insignificância; desta forma cada sujeito se encontra restrito numa universalidade punível-punidora, na qual até as frações mais tênues da conduta são passíveis de punição. A ordem que os castigos disciplinares visam fazer cumprir é de natureza dual, ao mesmo tempo em que é artificial, sendo feita explícita pelos regulamentos, ela é também definida por processos naturais e observáveis tais como a duração de uma atividade, por exemplo.

Os cavalos não sabem ler, mas aprendem rapidamente o que é esperado deles. Para a doma racional, a punição não é a dor, mas o trabalho, o dispêndio de energia e a repetição dos exercícios; o prêmio por bom comportamento é o descanso imediato logo que o animal corresponde ao que lhe é pedido. Principalmente quando deixados sem companhia, é comum cavalos jovens e inexperientes pularem por cima de cercas, por exemplo. Desta forma, nas primeiras vezes que esta situação se dá, é corriqueiro que uma pessoa fique observando, a postos, para reconduzir o animal para dentro do cercado, até que este lá permaneça. Normalmente o cavalo deixa de tentar fugir em 3 ou 4 tentativas frustradas, permanecendo no cercado mesmo posteriormente, quando não observado. Em situações atípicas, como uma situação de medo extremo, o cavalo pode voltar a pular cercas sem dificuldades maiores, o que sugere que este, em certa medida, escolhe não pular.

Assim como nas escolas os alunos podem ser dispostos em um espelho de classe, no Haras Paraíso RS o que observamos é que na hora de comer cada égua tem seu local. Cada qual tem um comedouro, no qual é servida nas quantidades prescritas ração, aveia, pasto, suprimentos. Desta forma, sem uma condução humana direta, cada égua sabe seu lugar, embora obviamente não saiba ler a placa com seu nome. Aprendem a dispor do seu corpo de forma disciplinada, mesmo que a cocheira ao lado pareça ter uma quantidade mais volumosa de alimento.

Foto 19 “Éguas nos comedouros”



Fonte: acervo pessoal

O último mas não menos importante instrumento da ordem da disciplina apontado por Foucault é o exame. Neste, podemos observar uma combinação entre as técnicas da hierarquia que vigia e da sanção que normaliza; é um controle normalizante, uma vigilância que permite qualificar, classificar e punir. No exame, pode-se observar uma cerimônia de poder por uma demonstração de força e estabelecimento da verdade. Com efeito, pode tal processo ser manifesto enquanto a sujeição dos que são percebidos como objetos e a objetivação dos que se sujeitam. Contudo, o investimento político não se faz no nível da consciência pura e simplesmente, mas no nível do que se torna possível saber.

Enquanto o exame vestibular, por exemplo, pode transformar em universitário aqueles que passam, conferindo-lhes a possibilidades de certos saberes, a doma do cavalo cria, de forma ritual, mesmo que o animal esteja alheio a isto, o animal domado e o ser humano domador. A primeira vez que se monta um cavalo é quando se descobre de fato se o animal, que é visto como objeto de análise, se sujeitou, deixando de ser um animal indômito; da mesma forma caso o cavalo obedeça corretamente aos comandos, ocorre sua objetivação enquanto cavalo domado, apto a carregar pessoas em seu dorso. Caso o cavalo se mostre ainda inapto, a punição

é da mesma ordem da do exercício, a repetição, até que este internalize a correta forma de dispor de seu corpo.

## Considerações finais

O desafio deste estudo foi analisar a relação entre ser humano e cavalo usando de instrumentos teóricos da teoria foucaultiana a partir das experiências da trajetória de uma menina/mulher que ama cavalos. Neste trabalho foi usada uma abordagem teórico empírica para analisar os dispositivos de relação cavalo-humano, em especial quando na doma.

Como vimos no "Capítulo II Conceitos basilares sobre sujeitos humanos e não-humanos", uma perspectiva pós-colonial permite uma análise dos animais enquanto sujeitos. Desta forma, abrindo mão da dualidade cultura/natureza, podemos entender a doma como uma via relacional de mão dupla pois o ser humano também se modifica neste processo. O domador se faz existir junto do cavalo domado.

No "Capítulo III: O universo do cavalo e as infraestruturas da relação" abordamos como os cavalos têm dinâmicas próprias na natureza, que são estudadas pela etologia. Vimos como os haras e centros equestres se utilizam de suas estruturas materiais e organizacionais a fim de permitir o gerenciamento disciplinar dos cavalos. Mais do que isso, vimos diretrizes de diferentes correntes de doma, e em sua totalidade, o trecho apresentou os termos próprios do meio equestre a fim de localizar o leitor mesmo aquele com menos experiência no mundo dos cavalos.

O "Capítulo IV: Cavalo, Dispositivos Disciplinares e a Doma", então, apoiando-se nos anteriores, analisa pelo viés foucaultiano os cruzamentos possíveis de sua teoria no adestramento dos corpos dos cavalos e dos cavaleiros. Como Foucault afirma em Vigiar e Punir, o poder disciplinar tem por sua principal função o "bom adestramento", ou seja criar corpos dóceis e produtivos, passíveis de exploração. Apontamos então correlações dos dispositivos disciplinares do panóptico e do redondel, onde ambos servem como instrumento de docilização dos corpos através de gerenciamento do tempo e da carne. Ressaltamos o fato de o processo da doma produzir sujeitos com seus poderes agora ampliados. E o cavalo domado se faz ao mesmo tempo que o domador.

O trabalho buscou e, em alguma medida, demonstrou que os conceitos e ferramentas foucaultianos podem ser usados neste novo e relevante campo da antropologia interespecífica para por luz em aspectos da relação humano-animal e em especial humano-cavalo. Para além da análise em si, a produção imagética também contribuiu para a ampliação do campo. Tendo sido registrados momentos importantes como join-up, inclusive com utilização de drone, e o momento de alimentação em que as éguas demonstram um comportamento incorporado como aquele onde devem estar naquele momento, indo cada uma sem erro para o seu comedouro. A cada comedouro seu cavalo, e a cada cavalo seu comedouro.

Esta área é muito rica e abrangente e parte da dificuldade do trabalho foi o recorte estipulado, a custo deixando de fora tantas outras questões como o behaviorismo e a questão histórica do relacionamento homem-cavalo. Ambos podem ser abordados em um trabalho posterior de forma a integrar as análises aqui feitas. Certamente a relação homem-cavalo é uma das mais antigas das interespecíficas e como vimos foi importante da arte à guerra. Tendo sua história misturada com a nossa própria. Olhar para a forma como entendemos os cavalos de certa forma também é olhar para como entendemos o mundo.

## BIBLIOGRAFIA

ALVES, J.E.D. **Do antropocentrismo ao ecocentrismo**: uma mudança de paradigma. In: MARTINE, George (Ed.) População e sustentabilidade na era das mudanças ambientais globais: contribuições para uma agenda brasileira. Belo Horizonte: ABEP, 2012.

BEVILAQUA, Ciméa B. **Chimpanzés em Juízo**: pessoas, coisas e diferenças. Porto Alegre: Horizontes Antropológicos UFRGS, 2011.

BIRKE, L. (2008). **Talking about Horses**: Control and Freedom in the World of “Natural Horsemanship”. *Society and Animals*, 16, 107-126. doi: 10.1163/156853008X291417.

CASSIDY, Mullin. **Where the Wild Things Are Now**: Domestication Reconsidered. New York: Berg, 2007.

CAVENDISH, William. **A General System of Horsemanship**. Facsimile Reproduction of the Edition of 1743. Introduction by William C. Steinkraus with a Technical Commentary by E. Schmit-Jensen. (London: J. A. Allen, 2000).

DIGARD, Jean-Pierre. **A biodiversidade doméstica**, Anuário Antropológico [Online], v.37 n.2 | 2012, posto online no dia 01 outubro 2013, consultado o 5 maio 2021. Disponível em: <http://journals.openedition.org/aa/202>.

FARMER-DOUGAN, V. A., e Dougan, J.D. (1999). **The Man Who Listens to Behavior**: Folk Wisdom and Behavior Analysis from a Real Horse Whisperer. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 72 (1),139–149. doi: 10.1901/jeab.1999.72-139

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: história da violência nas prisões. 34. ed. Petrópolis, Vozes, 2007.

FOUCAULT, Michel. In: MOTTA, M. B. (Org.). **Ditos e escritos**: estratégia, poder-saber (vol. IV). 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **O sujeito e o poder**. In: DREYFUS, H. L.; RABINOW, P. (Org.). Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249

HANSEN, N. C. **Dressage: Training the Equine Body**. En: M. Chrulew, e D. J. Wadiwel, (eds.). Foucault and Animals (p.8). Leiden, Boston: Brill. 2017.

HERING, Cássia. **Da dominação à tentativa de comunicação: uma análise dos métodos de doma para equitação**. Revista Latinoamericana de Estudios Críticos Animales | ano VII | volume I ISSN 2346-920X. 2020. p 275-314. Disponível em: <https://revistaleca.org/journal/index.php/RLECA/article/view/257>. Acesso em: 2 de maio de 2021.

HURN, Samantha. **Humans and other Animals Cross-Cultural Perspectives on Human-Animal Interactions**. Londres: PlutoPress, 2012.

MARINS, Aluísio. Etologia e Comportamento Natural dos Cavalos. Disponível em: [https://www.cavalomangalarga.com.br/upload/arquivos\\_eventos/Apostila%20Ferrageamento%20B%C3%A1sico%20Mangalarga%20UC.pdf](https://www.cavalomangalarga.com.br/upload/arquivos_eventos/Apostila%20Ferrageamento%20B%C3%A1sico%20Mangalarga%20UC.pdf). Acesso em: 5 de maio de 2021

MAUSS, Marcel. **Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa e a de "eu"**. Sociologia e Antropologia (pp.369-397). São Paulo, Cosacnaify. 2003.

OSORIO, Andrea. Mãe de gato? Reflexões sobre o parentesco entre humanos e animais de estimação. In: BEVILAQUA, CB; VANDER VELDEN, F. (Org). **Parentes, vítimas, sujeitos: perspectivas antropológicas sobre relações entre humanos e animais**. Curitiba e São Carlos: EdUFPR/EdUFSCar, 2016.

RHEINBERG, Falko. **Motivation**. Stuttgart: Kohlhammer, 2000. ISBN 3-17-016369-8

ROBERTS, Monty. **O homem que ouve cavalos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2016.

SEGATA, Jean et. al. **Apresentação**, Horizontes Antropológicos [Online], 48 | 2017, posto online no dia 01 junho 2017, consultado o 7 maio 2021. URL: <http://journals.openedition.org/horizontes/1565>.

SMITH, S. J. (2011). **Becoming Horse in the Duration of the Moment: The Trainer's Challenge.** *Phenomenology & Practice*, 5 (1), 7-26. doi: <https://doi.org/10.29173/pandpr19833>.